



## NÃO AO SEXO REI: DISCURSOS DE NEGRAS VELHAS SOBRE RELACIONAMENTOS

NO TO KING SEX: OLD BLACK WOMEN'S SPEECHES ABOUT RELATIONSHIPS

Nilsa Maria Conceição dos Santos\*

**Resumo:** Neste artigo analisa-se discursos de mulheres negras e velhas sobre relacionamentos. Observa-se as violências, sujeições e controle a que elas foram submetidas e as resistências a essas repressões, bem como seus discursos de liberdade, autonomia e empoderamento.

**Palavras-chave:** Mulheres Negras. Envelhecimento. Relacionamentos.

**Abstract:** This article analyzes speeches by older black women about relationships. We observe the violence, subjection and control to which they were subjected and the resistance to these repressions, as well as their discourses of freedom, autonomy and empowerment.

**Keywords:** Black Women. Aging. Relationships.

### INTRODUÇÃO

Segundo o enunciado “Não ao sexo rei”<sup>1</sup>, existem discursos que atuam como dispositivos de controle e de poder, utilizando o que as pessoas dizem, sentem, esperam. Então, é possível evitar tais discursos, concebendo respostas em forma de desafio: “[...] está certo, nós somos o que vocês dizem, por natureza, perversão ou doença, como

\* Mestre em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS. Especialista em Gestão Empresarial pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS. Graduada em Letras – Bacharelado em Assessor Secretário Executivo pela Universidade Luterana do Brasil – ULBRA. E-mail: nilsamcs@yahoo.com.br

<sup>1</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2008a. p. 229.



quiserem. E, se somos assim, sejamos assim e se vocês quiserem saber o que nós somos, nós mesmos diremos, melhor que vocês.”<sup>2</sup>

Com essa perspectiva, são apresentados os discursos de seis mulheres negras<sup>3</sup> e velhas sobre relacionamentos. Elas estão na faixa dos 72 aos 86 anos de idade (ano da coleta dos dados), residentes em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul/Brasil. A realização das entrevistas pautou-se em conduta ética, com o consentimento livre e esclarecido de todas os participantes, devidamente registrados e assinados<sup>4</sup>. As entrevistadas estão identificadas pelo pseudônimo Maria, seguidos da numeração de 1 a 6. São elas: Maria 1: 76 anos, divorciada, um filho, Ensino Médio completo, atendente de nutrição aposentada; Maria 2: 78 anos, solteira, uma filha, Ensino Médio incompleto, agente administrativo estadual aposentada; Maria 3: 72 anos, 3 filhos, viúva, do lar, pensionista; Maria 4: 81 anos, 3 filhas, viúva, 4º ano do primário, do lar, pensionista; Maria 5: 86 anos, sem filhos, solteira, Ensino Médio completo, agente administrativo estadual aposentada; Maria 6: 73 anos, sem filhos, solteira, doutora em Ciências Humanas, com pós-doutorado, professora universitária federal aposentada.

Trata-se de pesquisa qualitativa<sup>5</sup> realizada por meio de entrevistas narrativas<sup>6</sup>. A utilização dos termos ‘negras velhas’ visa reiterar a positividade e potência desses termos. Para Lilia Moritz Schwarcz<sup>7</sup>, o termo ‘negro’ era empregado, no final do século XIX, para denominar os negros que não aceitavam a hegemonia branca. E, ‘velho’, visa ratificar a importância da velhice<sup>8</sup>, como uma das fases do desenvolvimento humano e a importância das ‘velhas’ como ancestrais, “[...] as que vieram antes e prepararam o terreno para que nós, mulheres da contemporaneidade, pudéssemos ser o que somos e o que nos tornaremos”<sup>9</sup>.

As participantes apresentam escolaridade e ocupações de classe média, e recebem rendimentos regulares como aposentadas ou pensionistas e somente uma não possui casa

<sup>2</sup> FOUCAULT, 2008a, p. 234.

<sup>3</sup> Todas autodeclararam-se negras (pretas e pardas), de acordo com o critério do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

<sup>4</sup> SANTOS, Nilsa Maria Conceição dos. *Negras velhas: um estudo sobre seus saberes nas perspectivas de envelhecimento, trabalho, sexualidade e religiosidade*. 2016. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016a.; SANTOS, Nilsa Maria Conceição dos. *Saberes das negras velhas sobre envelhecimento, trabalho, sexualidade e religiosidade*. Riga: Novas Edições Acadêmicas, 2016b.

<sup>5</sup> MINAYO, Maria C. de Souza; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.

<sup>6</sup> JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

<sup>7</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e preto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

<sup>8</sup> MARCONDES, Marina M. et al. (org.). *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: IPEA, 2013.

<sup>9</sup> SANTOS, Nilsa Maria Conceição dos. Pensamentos de negras velhas sobre feminismo e currículo. *Currículo sem fronteiras*, [S.l.], v. 19, n. 2, p. 497-524, maio/ago. 2019. p. 502.; SANTOS, 2016b, p. 13-14.; SANTOS, 2016a, p. 45.



própria. Não se pode afirmar que elas possuem condições diversas das de outras mulheres 'negras e velhas', em razão da ausência de indicadores com esse recorte racial e etário, mas, segundo Guita Debert:

Hoje, dificilmente poder-se-ia considerar que os velhos estão entre os estratos mais desfavorecidos da população. Especialmente nos momentos em que o desemprego ou o subemprego atingem proporções alarmantes, a universalização das aposentadorias e da pensão na velhice garantiria aos idosos direitos sociais dos quais é excluída a população em outras faixas etárias, sobretudo os jovens.<sup>10</sup>

## RELACIONAMENTOS E ENVELHECIMENTO

Relacionamentos, neste texto, refere-se a sexualidade, que é como o indivíduo experimenta envolvimento emocional, amor, reprodução e excitação sexual<sup>11</sup>. A sexualidade de pessoas velhas, ou seja, como elas se relacionam com a prática do sexo, carrega um mito de que elas seriam assexuadas, desprovidas de desejos e de vida sexual, como se os anos lhes trouxessem uma inapetência nesse aspecto vital do desenvolvimento humano<sup>12</sup>. Esse pensamento, cada vez mais, vem sendo desmistificado pelos estudos sobre sexualidade e envelhecimento. Envelhecimento compreendido como um processo:

[...] dinâmico entre ganhos e perdas, marcado por processos biológicos e médicos; ancorado na biografia, marcado socialmente e economicamente; resultado da interação da pessoa com seu ambiente físico, um processo específico de gênero, diferencial, multidimensional (com dimensões objetivas e subjetivas), multidirecional e que possui uma plasticidade, que é a capacidade de se adaptar às novas situações e ou limitações.<sup>13</sup>

Dentre esses estudos destacam-se os de Debert e Brigeiro<sup>14</sup>, que analisam um processo que eles denominam como 'erotização da velhice', que propõe a desgenitalização da sexualidade. Esse argumento faz parte do modelo de gestão do

<sup>10</sup> DEBERT, Guita. Feminismo e Velhice. Dossiê: Velhice, família, Estado e propostas políticas. Organização de: Lins de Barros Moraes Barros. *Sinais Sociais*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 22, p. 1-152, maio/ago. 2013. p. 31.

<sup>11</sup> CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. *Juventudes e sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

<sup>12</sup> GONZÁLEZ, Ana Cecilia Murillo; BRENES, Marisol Rapso. Modificaciones en la sexualidad ocasionadas por el proceso de envejecimiento. In: GONZÁLEZ, Ana Cecilia Murillo; BRENES, Marisol Rapso (org.). *Envejece La sexualidade?* Buenos Aires: Espacio Editorial, 2007. p. 37-75.

<sup>13</sup> WAHL; HEYL *apud* DOLL, Johannes. Educação e envelhecimento: desafios no mundo contemporâneo. In: ANICA, Aurizia *et al.* *Envelhecimento ativo e educação*. Faro: Universidade do Algarve, 2014. p. 5-17. p. 7

<sup>14</sup> DEBERT, Guita; BRIGEIRO, Mauro. Fronteiras de gêneros e a sexualidade na velhice. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 1, n. 80, p. 37-54, 2012.



envelhecimento denominado 'envelhecimento ativo'. De acordo com essas vertentes, pessoas velhas constroem outras formas de expressar sua sexualidade, compreendendo o desejo, a excitação e o orgasmo, de uma forma mais ampla, com características psicológicas, visuais e táteis e não necessariamente genitalizadas. Tal entendimento, segundo os autores, não é compartilhado, contudo, pelas pesquisas etnográficas sobre sexualidade e envelhecimento, que revelam contradições entre o saber dos especialistas e a realidade experimentada pelas pessoas velhas<sup>15</sup>:

Assim, a perspectiva 'oficial' apresenta o erotismo na velhice na concepção da manutenção da juventude e de uma sexualidade ativa e satisfatória como condição para uma vida saudável e feliz, tornando o sexo quase um dever, sem nenhuma disposição em incentivar, na perspectiva estética, os corpos envelhecidos<sup>16</sup>.

Em contrapartida a esses discursos, que colocam a vida sexual na velhice como um pré-requisito para ser feliz, e vinculam o erotismo à manutenção da juventude, observa-se que as novas concepções sobre a velhice permitiram uma libertação, especialmente, das mulheres, no que tange aos 'deveres da vida sexual regular' que as relações matrimoniais sempre impuseram. Desse modo, pessoas velhas solteiras, separadas ou viúvas, mantêm os investimentos na sexualidade do corpo, como os cuidados estéticos, sem relação com a prática da sedução, mas associada ao exercício da liberdade de, inclusive, não manter um relacionamento sexual<sup>17</sup>.

Segundo Doris Vasconcellos *et al.*<sup>18</sup>, a falta de parceiro é uma das ocorrências externas comuns na velhice, que colaboram para o declínio da vida sexual. Mas a abstinência sexual, para muitos analistas, também está associada aos discursos conservadores, que buscam definir o certo e o errado e, dessa forma, influenciam na manifestação ou não dos desejos dos indivíduos. Tal condição nos conduz a outro conceito psicanalítico, de 'denegação', quando, em virtude da repressão em relação ao interesse sexual, o sujeito nega a sua sexualidade.

---

<sup>15</sup> DEBERT; BRIGEIRO, 2012.

<sup>16</sup> DEBERT; BRIGEIRO, 2012.

<sup>17</sup> GOLDENBERG, Miriam. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. *Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 77-85, 2011.

<sup>18</sup> VASCONCELLOS, Doris *et al.* A sexualidade no processo do envelhecimento: novas perspectivas – comparação transcultural. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 9, n. 3, p. 413-419, set./dez. 2004.

A maioria das viúvas, nas pesquisas citadas, relata que, após o falecimento de seus maridos, não mantiveram relação sexual, em virtude de terem sido ensinadas a ter um só parceiro. A ausência desse companheiro, somada ao envelhecimento, não as estimulou a buscar outro relacionamento, além da falta de parceiros da mesma faixa etária, pois há mais viúvas do que viúvos. Outra possibilidade para o declínio ou abstinência sexual pode estar relacionada à insatisfação com os relacionamentos anteriores, no que compete à qualidade da relação conjugal e sexual desenvolvida ao longo da vida.

A Psicanálise<sup>19</sup> denomina como ‘sublimação’ o mecanismo por meio do qual a sexualidade é desviada de seu fim, buscando os indivíduos satisfação em outras formas socialmente aceitas, como o cuidado com outras pessoas: filhos, netos, sogras e mães. Esse cuidado com o outro não é percebido como o exercício da sexualidade, em razão de estarmos inseridos em uma cultura que compreende, ainda, sexualidade somente como o ato sexual.

## MEDO DE HOMEM E OUTRAS VIOLÊNCIAS

*“[...] na minha terra eu nunca namorei, [...] mas lá fora (no interior), a gente tinha até medo de chegar perto de homem (gargalhadas), a gente não chegava perto de homem, o meu pai nunca viu nós de namorado, nunca, nunca viu.” (Maria 1).*

Do enunciado acima surgem as seguintes interrogações: – de onde vem esse rastro ‘medo de homem’? – O quanto esse vestígio pode estar relacionado à violência de gênero, de que as mulheres negras são as maiores vítimas? Sueli Carneiro elenca o que já se sabe sobre a violência contra a mulher:

Sabemos que o espaço privado, familiar, que deveria constituir-se no refúgio de paz das famílias é, por excelência, o espaço em que a violência doméstica e sexual tem o seu ponto mais alto de incidência. Perpetradores ou agentes do abuso sexual na maioria absoluta dos casos são maridos, companheiros, pais, padrastos, tios, ou outros membros próximos da família. Sabemos também que o fenômeno da violência doméstica e sexual é absolutamente democrático, atravessando todas as classes sociais e grupos raciais.<sup>20</sup>

<sup>19</sup> SANTOS, Sueli; CARLOS, Sergio Antonio. A Sexualidade e amor na velhice. *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, Porto Alegre, v. 5, p. 57-80, 2003.

<sup>20</sup> CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDIMIENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (org.). *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano, 2003. p. 11.



Em relação às mulheres negras, Benilda Regina Paiva Brito<sup>21</sup> afirma que a violência ocorre desde a vinda das africanas como escravizadas para o Brasil. As mulheres negras enfrentaram violência sexual, física, emocional e psicológica, realizada pelos senhores de escravos, seus familiares, agregados e capitães de matos. Essa violência era considerada natural e se perpetua na atualidade sob a forma de violência doméstica e sexual. Com essa contextualização, pode-se inferir que o ‘medo de homem’ é um sinal bem persistente, e vem das memórias ancestrais das ‘negras velhas’ que tiveram avós ou mães que foram escravas, filhas de escravas ou que viviam como se escravizadas fossem, e que tinham nos homens brancos (os senhores, filhos ou agregados) e nos homens negros (capitães de matos) seus algozes. Ressalta-se que nenhuma das entrevistadas mencionou violência sexual, mas episódios de violência física e simbólica<sup>22</sup> foram relatados:

*“[...] A minha mãe foi filha de escrava. Conheci a veinha ainda que ficou com a anquinha assim duma porretada que a mulher deu (ela demonstra com gestos e curvando o tronco) [...] a minha mãe, com os irmãos dela, que eram uns quantos, se encontraram já adultos [...] pra fora, de primeiro, é como dá nas novelas [...] teve filho, já doava, [...], tinham que dar. Difícil o patrão querer que ficasse [...]. Tinham que amamentar o filho do patrão. E minha avó teve bastante, mas aí foram todos assim, distribuídos.” (Maria 4).*

Observa-se que todas as violências mencionadas têm a hierarquia racial como fator preponderante<sup>23</sup>. Nos relatos da Maria 4, a condição de escravizada de sua avó, que sofreu violência física da sinhá, demonstrando as assimetrias dentro do gênero, que vem desde o período colonial<sup>24</sup>, em razão da violência sofrida pelos negros durante a escravização, com laços afetivos desfeitos pela diáspora africana, e dentro do Brasil, pela venda de seus maridos, mães, separação dos filhos, logo cedo, para que as mulheres negras amamentassem a prole dos senhores de escravos e suas sinhás. June Hahner, em relação à mulher negra como escrava, afirma:

*[...] a escrava de cor criou para a mulher branca das casas grandes e das menores, condições de vida amena, fácil e da maior parte das vezes ociosa. Cozinhava, lavava, passava a ferro, esfregava de joelhos o chão das salas e dos quartos, cuidava dos filhos da senhora e satisfazia as exigências do senhor. Tinha seus próprios filhos, o dever e a fatal solidariedade de amparar seu*

<sup>21</sup> BRITO, Benilda Regina Paiva. Mulher, negra, pobre: a tripla discriminação. *Teoria e Debate*, São Paulo, n. 36, out. 1997.

<sup>22</sup> BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989.

<sup>23</sup> MARTINS, Paloma Afonso; CARRIJO, Christiane. A Violência Doméstica e Racismo Contra Mulheres Negras. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 2, e60721, 2020.

<sup>24</sup> BRITES, Jurema Gorsky. Trabalho doméstico: questões, leituras e políticas. *Cadernos de Pesquisa*, [S.l.], v. 43, n. 149, p. 422-451, 2013.

companheiro, de sofrer com os outros escravos da senzala e do eito e de submeter-se aos castigos corporais que lhe eram, pessoalmente, destinados. [...] O amor para a escrava [...] tinha aspectos de verdadeiro pesadelo.<sup>25</sup>

O homem negro, também escravizado, não tinha nessa época nenhuma condição de proteger as mulheres negras. Conforme pontua Carneiro, existe uma ferida no orgulho do homem negro pelo conhecimento da impotência social, política e econômica que perdura, independentemente do sucesso que tenha ou possa alcançar; resultado da escravização que obrigou o homem negro, entre outras coisas, a:

[...] assistir a apropriação sexual de suas mulheres pelo colonizador branco, a serem sustentados por elas quando saem da escravidão e são preteridos pelos imigrantes brancos no mercado de trabalho gerado pela industrialização nascente. Estas condições os incapacitaram de exercer o papel de provedores de suas mulheres e filhos, um dos pilares da ideologia patriarcal.<sup>26</sup>

Portanto, essa pista ‘medo de homem’ ainda é, lamentavelmente, um alerta necessário para todas as mulheres, mas com ênfase às mulheres negras, maiores vítimas da violência doméstica<sup>27</sup>.

## **VIRGINDADE: UMA VERDADE A SER DESVELADA**

De acordo com Clarice Ehlers Peixoto<sup>28</sup>, no Brasil, a preservação da honra familiar, especialmente nas gerações nascidas entre 1912 e 1937, constituía-se por tradição na preservação da virgindade das mulheres antes do casamento e “a idade ao casar coincide com a idade da primeira relação sexual”<sup>29</sup>. Desse modo, para as mulheres que não casavam, a relação sexual não acontecia, fazendo com que permanecessem virgens. Como exemplo, o enunciado da Maria 2 sobre a virgindade de suas amigas. “*Nunca fui namoradeira. A Beltrana, 65 anos, morreu virgem. A Fulana e a Sicrana também*” (Maria 2).

<sup>25</sup> HAHNER, June. *A mulher no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p. 120-121.

<sup>26</sup> CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 544-552, 1995. p. 548.

<sup>27</sup> INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. *Dossiê Violência Contra Mulheres*, 2016. Disponível em: <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/violencia-e-racismo/>. Acesso em: 06 out. 2020.

<sup>28</sup> PEIXOTO, Clarice Ehlers. Histórias de mais de 60 Anos. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 148-158, 1997.

<sup>29</sup> PEIXOTO, 1997, p. 157.

No decorrer do processo de envelhecimento essas mulheres continuam sendo sujeitadas por esses códigos morais que permitem que sejam lançadas as seguintes hipóteses para a virgindade de mulheres velhas:

1) Mulheres que acompanharam as transformações, alterando seus valores, e se deparam com a falta de parceiros na mesma faixa etária para uma vivência afetivo-sexual; 2) No caso das mulheres negras, acrescenta-se a sua menor taxa de nupcialidade no contexto matrimonial brasileiro, em razão do racismo, que faz com que seja valorizada a estética branca, em detrimento da estética negra<sup>30</sup>. Outra explicação para o maior número de mulheres negras em celibato, segundo Telles<sup>31</sup> e Castro<sup>32</sup>, é o número menor de homens, que faz com que as mulheres brancas suplantem a carência de homens brancos, casando com os pardos e negros; o mesmo com as mulheres pardas, até que, estatisticamente, falem negros para as negras; 3) Mulheres que continuam atreladas aos valores sociais e morais da época em que foram socializadas; como não casaram, continuam virgens; 4) O exercício da sexualidade por meio da masturbação, sublimação ou o celibato como uma escolha, pelos motivos anteriores citados, não que não tenham tido opções de escolha, mesmo as mulheres negras que possam ter tido um número menor de pretendentes; mas, também, porque as opções que se apresentaram fizeram com que essas mulheres decidissem por manter o exercício da sua sexualidade da maneira que vinham conduzindo as suas vidas.

## SEXO: ENTRE A OPRESSÃO E A LIBERDADE

Os discursos moralistas da época em que as negras velhas foram socializadas ‘ensinaram’, à população em geral, os comportamentos considerados lícitos e os considerados ilícitos, ditando, no que diz respeito ao sexo, as regras. Foucault denominou esse traço das relações de poder como a ‘instância da regra’ na qual “o

---

<sup>30</sup> SOUZA, Claudete Alves da Silva. *A solidão da mulher negra* – sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.; PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia*. 2008. 317 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

<sup>31</sup> TELLES, Edward E. *Racismo à Brasileira: uma Nova Perspectiva Sociológica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

<sup>32</sup> CASTRO, Alex. “Racismo, miscigenação e casamentos interraciais no Brasil”. *Blogueiras Feministas*, 10 set. 2013. Disponível em: <https://blogueirasfeministas.com/2013/09/10/racismo-miscigenacao-e-casamentos-inter-raciais-no-brasil/>. Acesso em: 13 set. 2018.





domínio do poder sobre o sexo seria efetuado [...] por um ato de discurso que criaria, pelo próprio fato de se enunciar, um estado de direito. Ele fala e faz-se a regra”<sup>33</sup>. Eis alguns relatos:

*“Meu tempo de moça, [...], os rapazes, mesmos podiam ter se servido da moça e depois [...] eles mesmos agarravam e gritavam, falavam: ‘Essa aí não dá pra tá no grupo, nem pra frequentar o baile’. [...] eles mesmo podiam ter se servido, mas não deixavam.”* (Maria 4).

Observa-se que os enunciados ditam as regras de comportamento permitidas e as proibidas, em consonância com os discursos conservadores da época, que impunham, por exemplo, que ‘a mulher para casar não seria a mesma para se divertir’, apesar de ‘eles mesmo podiam ter se servido, mas não deixavam’. Os mesmos rapazes que se ‘serviram’ da moça eram os mesmos que ‘agarravam, gritavam, falavam: essa aí não dá’, regulando e vigiando o corpo feminino. Para ressaltar ainda mais esse caráter, temos em Carla Bassanezi Pinsky:

O jovem solteiro ‘namorador’ arrisca reputação das moças e é um pesadelo para os ‘pais de família’, que procuram afastá-los de suas filhas. Porém, para o rapaz receber o rótulo de ‘namorador’ não é tão grave e nem provoca a reprovação social como no caso da jovem ‘namoradeira’ ou daquela que se deixou levar por sua lúbia e lhe permitiu desenvolver ‘intimidades comprováveis’. Esse rapaz não é excluído do grupo social, pois se acredita que simplesmente atende à sua ‘natureza’ de homem, sendo inclusive, algumas vezes, admirado e invejado por seus companheiros. Moralmente, espera-se que, passado o ‘fogo da juventude’ (esse tipo de justificativa só serve para os homens), este rapaz se torne um marido responsável. Mas se isso não ocorrer, ele receberá a fama ambígua de ‘solteirão incorrigível, *bon vivant* – admirado, ainda que temido e criticado (ou cobiçado por quem tem a pretensão de conquistá-lo)’.<sup>34</sup>

Nas narrativas abaixo, mais exemplos de como a sociedade liberava aos homens cisgênero os comportamentos ilícitos (ser mulherengo, namoro como diversão):

*“Depois, de muito tempo, do Fulano, do Beltrano, do Sicrano, [...] bem mais tarde, aí apareceu outro [...] mas não deu certo. Os caras queriam era diversão, mas nunca eu dei entrada pra diversão, então, como eu era muito madura, muito seca, assim, já não servia pra eles. Aí a gente desmanchou.”* (Maria 1).

*“Eu aproveitei bastante. Só tive um namoro de salão. Fui quase noiva. Não cheguei a noivar. Ele passou pra outra coleguinha minha de trabalho.”* (Maria 4).

<sup>33</sup> FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: A vontade de saber*. Trad. de Maria Theresa da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2008b. p. 56.

<sup>34</sup> PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *Histórias de mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 607-639. p. 622.



*“Nunca fui namorada. Homem aqui dentro eu não quero. Porque eles não estão respeitando. [...]. Namorei um cara, a gente noivou. Depois a gente terminou porque ele era muito mulherengo.” (Maria 2).*

Mas, na luta contra esse poder que se materializa nos corpos, uma das estratégias pode ser apoiar-se nos pontos em que esse poder os alcança, aderindo aos discursos que conferem aos homens um lugar privilegiado, uma relação de superioridade em relação às mulheres. Em relação à adesão a esses discursos, Peixoto<sup>35</sup> pontua que, para as gerações nascidas até 1937, a infidelidade masculina era bastante tolerada, diferentemente da infidelidade feminina, que era veementemente proibida. Isso demonstra o quanto esses discursos se impuseram e nortearam as experiências de mulheres e homens cisgêneros em relação à sexualidade, com desvantagem para as mulheres. No fragmento a seguir, temos amostras dos efeitos do controle e penetração do poder no prazer, pelo bloqueio do prazer, impondo às pessoas o que era considerado permitido para uma relação de namorados. Regras que exigiam um comportamento de ‘boa moça’, segundo Pinsky<sup>36</sup>, restringindo a intimidade das jovens.

*“[...] apareceu o Fulano, [...]. Aí começou o namoro [...], foi namorar comigo na porta da casa, mas eu já botei a ordem: Se tu chegares aqui [...] nove horas, dez horas tens que ir embora [...] não pode ficar aqui. Aí tinha aqueles beijos, mas não era aquele troço, coisa louca [...] Aí ele fez um namoro direitinho também. Nada de coisas muito alteradas, tudo com muito cuidado.” (Maria 1).*

## DESTINO DAS MULHERES: SER ESPOSA E MÃE?

Há um discurso que diz ‘a mulher nasceu para ser mãe, esposa’. Segundo Pinsky, “[...] ser mãe, esposa e dona de casa era o destino natural das mulheres. [...] a maternidade, o casamento e dedicação ao lar faziam parte da essência feminina sem limites, sem história, sem possibilidade de contestação”<sup>37</sup>. Sobre essa condição, segue o enunciado de Maria 6:

*“E aí a minha mãe sempre dizia que era culpada, porque a minha mãe sempre dizia: ‘tem que estudar, tem que ter uma profissão pra ser independente e casamento não é segurança, porque se casa e não dá certo, tem que ter a possibilidade de ter independência financeira’. Então ela disse que insistiu demais nessa tecla. E depois o próprio ambiente de trabalho eu achava e continuo achando que onde tu trabalhas, tu trabalha. Essa história de marido e mulher trabalhando. Eu acho que isso aí também me ajudou a não misturar as coisas. [...] Eu*

<sup>35</sup> PEIXOTO, 1997.

<sup>36</sup> PINSKY, Carla Bassanezi. *Mulheres dos anos dourados*. São Paulo: Contexto, 2014.

<sup>37</sup> PINSKY, 2006, p. 609.

tive um colega que dizia, meu avô dizia: 'onde se ganha o pão, não se come a carne'." (Maria 6).

Observa-se no relato acima a importância da independência da mulher – caso o casamento não dê certo, que ela tenha a possibilidade da independência financeira do marido. Nesse trecho, há dois pontos a destacar: 1) uma ideia já iminente da vanguarda dos discursos feministas, que viria a suscitar toda uma discussão acerca do papel atribuído à mulher em nossa sociedade; 2) ainda, a permanência do casamento como principal destino para as mulheres, independentemente do capital cultural e material da família e do nível de escolaridade que elas possuísem (a entrevistada era filha de professora e contava com uma condição financeira que permitia o acesso aos bens culturais, materiais e simbólicos da época), mesmo assim, a expectativa era a mesma: tornar-se esposa e mãe.

Nesse mesmo fragmento, há outro enunciado, muito utilizado naquela época e do qual, hoje, só há rastros: 'onde se ganha o pão, não se come a carne'. Um ditado popular que reduz, para quem adere a esse discurso, as possibilidades de encontrar um parceiro. Também, nesse discurso, verificam-se duas considerações importantes: a) a sociedade capitalista precisa de um corpo produtivo. Como os trabalhadores passam a maior parte do tempo nos locais de trabalho, afirmar que esse local não pode ser um local de expressão e manifestação da nossa sexualidade atende aos interesses dos donos de capital e dos meios de produção, no sentido da 'mais valia'<sup>38</sup>, controlando e vigiando os corpos; b) dentro da concepção de *scientia sexualis*<sup>39</sup>, a sexualidade é compreendida somente no aspecto biológico da espécie, e todos os outros aspectos emocionais, sociais e as relações que possam ser estabelecidas por meio de palavras, gestos e pensamentos compartilhados com os outros são interditados ou suspensos.

A sociedade<sup>40</sup> tinha uma preocupação constante em normatizar e controlar a sexualidade feminina, e as revistas femininas da época ratificavam essa vigilância, divulgando os comportamentos considerados aceitos para que as próprias mulheres policiassem umas às outras, mesmo em ambientes descontraídos, como festas. Como exemplo, os relatos abaixo:

<sup>38</sup> MARX, Karl. *O capital*: Livro I. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

<sup>39</sup> FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

<sup>40</sup> PINSKY, 2014.



*“[...] na minha época as mães não deixavam a gente sair sozinha, quase. Tinha que dizer onde é que ia e seis [...] horas tinha que estar em casa. Aquela coisa assim de mãe que preservou sempre essa parte! Muito rígida [...] mas na época era assim a gente tinha que aceitar, mas hoje em dia a gente vê que elas foram muito rígidas demais. Mas fazia parte da convivência, do regime que era da época. [...] a minha mãe era muito rígida, não por mal, era o jeito dela, porque ela não tinha marido. Então tinha que ser do jeito dela, pra mostrar pros padrões que ela soube direcionar nossa vida.” (Maria 5).*

*“Na minha época se fazia muita reunião dançante [...] mas eu nunca gostei de reunião dançante, [...] depois a minha mãe dizia: ‘mas que coisa essa menina, não tá namorando, não casou, devia forçar ir pras reuniões dançantes’ [...] porque sentavam as mães [...], nas raras que eu fui, e ficavam investigando todo mundo, a filha de todo o mundo e aquilo me deixava. Que elas podiam estar relaxadas, conversando, acompanhando, mas não, tinham algumas que ficavam assim e aquilo eu achava ridículo, então não queria ir e também não gostava muito de dançar.” (Maria 6).*

O exercício da sexualidade era bastante limitado e o casamento com o primeiro namorado muito comum, como veremos abaixo:

*“Depois já veio o casamento. [...] Conheci o meu marido nas férias [...]. Foi o primeiro e único namorado. [...] Ele era cunhado de uma prima. O pai sabia, a mãe sabia. Deixaram rolar. Até, quando viram, eu já tava sendo pedida em casamento. Namoramos cinco anos.” (Maria 3).*

A definição de namoro nos ‘anos dourados’, segundo Pinsky<sup>41</sup>, era de uma etapa prévia para o noivado e o casamento. Não era aceito, naquela época, que o namoro pudesse ser somente uma diversão, o fim em si mesmo:

*“[...] depois que a gente já tava namorando um mês, achava que a gente ia querer continuar, pedia aos pais permissão para namorar em casa. [...] daí não era de se estender, entra ano, sai ano sem noivar. [...] em seis meses casamos.” (Maria 4).*

## AMOR À PRIMEIRA VISTA

O enunciado ‘amor à primeira vista’ é um discurso coletivo, especialmente das mulheres cisgêneros, imposto por uma ideologia dos ‘anos dourados’, que se refere ao intervalo de 1945 a 1964. Nesse período, segundo Pinsky<sup>42</sup>, foram produzidos e reproduzidos os papéis ‘boa esposa’, ‘moça de família’, ‘jovem rebelde’, ‘bom partido’, ‘marido ideal’, da ‘outra’ e da ‘leviana’, com quem os rapazes namoram, mas não se casam, conforme falas abaixo:

*“[...] apareceu o Fulano, [...] aquele cara me encantou. [...] Aí, quando ele me viu ficou doido [...]. Aí começou o namoro [...]. Aí tinha aqueles beijos, mas não era aquele troço, coisa louca*

<sup>41</sup> PINSKY, 2014.

<sup>42</sup> PINSKY, 2006.



*[...] Aí ele fez um namoro direitinho também. Nada de coisas muito alteradas, tudo com muito cuidado [...] até que nos casamos.” (Maria 1).*

*“[...] aí eu conheci o pai da minha filha. Aquele amor de primeira vista, aquelas coisas, tudo, tudo. E [...] fiquei toda a vida com ele. A minha filha está com 37 anos fiquei com ele o quê, 36 anos. Nunca me casei. Nunca escondi [...] da minha filha. Com quatro anos ela me perguntou: quem era a filial? Eu sempre disse pra ela quem era. [...] tudo camuflado, escondido, sabe como é que é naquele tempo.” (Maria 2).*

*“[...] Eu diria que eu tive duas grandes paixões, mas a distância separou [...] e a gente se escreveu durante muito tempo. Estes tempos, ainda, achei um livro, com uma dedicatória sobre o meu aniversário. E acabou não dando.” (Maria 6).*

Segundo Peixoto<sup>43</sup>, a visão romântica do casamento era dominante e as mulheres sonhavam com o grande amor. Essa concepção romântica dos relacionamentos aparece nos enunciados. Na narrativa da Maria 2, percebe-se a materialização da resistência ao poder Foucault<sup>44</sup>, pelas mulheres que fugiam aos padrões sociais da época. Assim, em que pese os discursos que regulavam a sexualidade na época, não se conseguia impedir, muitas vezes, que homens casados, com o consentimento da sociedade, vivenciassem relações extraconjugais, constituindo, inclusive, outra família; e que muitas mulheres ocupassem a posição de ‘filial’ ou da ‘outra’. Esse discurso, em que se abre mão do casamento e da virgindade para se viver um grande amor, é bastante revolucionário, insubmisso, revelador do caráter de liberdade no exercício da sexualidade, ou seja, há uma experiência de felicidade, de amor verdadeiro, que exclui muitas das proibições da época, como, por exemplo, manter-se solteira, não ser mais virgem, ter uma filha, viver uma relação afetivo-sexual com um homem casado. Sobre essa questão, Pinsky afirma:

Tantas preocupações, regras e advertências não impediram que muitas moças, sem maior ou menor ousadia, fugissem aos padrões estabelecidos. A vontade e a coragem de transgredir iam de fumar, ler coisas proibidas, explorar a sensualidade das roupas e penteados, investir no futuro profissional, discordar dos pais, a contestar secreta e abertamente a moral sexual, chegando a abrir mão da virgindade – e, por vezes, do casamento – para viver prazeres eróticos muito além dos definidos.<sup>45</sup>

Prossegue-se com a última parte da análise, em que se acredita ter encontrado afinal onde está o ‘perigo’ de as pessoas falarem e de seus discursos proliferarem-se indefinidamente<sup>46</sup>.

<sup>43</sup> PEIXOTO, 1997.

<sup>44</sup> FOUCAULT, 2008a.

<sup>45</sup> PINSKY, 2006, p. 622.

<sup>46</sup> FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2013. p. 8.

## EMPODERAMENTO: EIS O PERIGO

Temos os enunciados da Maria 5, Maria 1 e da Maria 6, relatando os motivos pelos quais não investiram mais em relacionamentos amorosos. A Maria 1 está divorciada e tem um filho, a Maria 5 e a Maria 6 estão solteiras e não tiveram filhos.

*“Eu não namorava quase. Namorado eu não gostava porque [...] tinha que ser aquilo. Eu era muito independente porque não podia conversar quase, porque tinha que ser o regime que minha mãe impunha ou a minha irmã. [...] então pra mim não dava [...] então eu nunca namorava [...] namorava assim, não era nem namoro era uma pessoa se dando com outra porque quando eu via que queria se invocar muito eu já despistava, dava um jeito. Eles ficavam meus amigos, mas não era namoro. Porque queriam me governar e eu achava que não podia ser. Tinha que ser como eu achava que tinha que ser. O meu jeito e não o jeito assim, ser governada por mãe e por irmã, não mesmo. Não aceitei nunca.” (Maria 5).*

No trecho acima, destaca-se o controle. Pinsky<sup>47</sup> aponta que a influência dos pais nos namoros dos filhos era relevante, ocorrendo em forma de aprovação, reprovação e até veto. Mas, depreende-se desse discurso, também, uma autonomia em relação ao exercício da sexualidade, não de maneira deliberada, mas imanente:

*“[...] depois desse relacionamento nunca mais, Deus me livre, nem pensar, não. [...] Até hoje detesto homem na minha vida, até que se o Fulano voltasse, eu até aceitava, mas não pra ficar na minha cama. Dormir no quarto do guri, eu no meu quarto, mas para ter relação sexual ninguém, nunca mais na minha vida. Graças a Deus. Mas isso é da família. Porque quando o meu pai faleceu minha mãe disse assim: ‘eu não vou botar homem dentro de casa, estragar a vida das minhas filhas’. E nós, as três (irmãs), não precisam marido. Depois a Sicrana viuviu, criou os filhos e não precisou botar homem dentro de casa [...] aí a Beltrana também. Teve o filho dela, o marido faleceu e ela também não quis mais marido.” (Maria 1).*

O relato da Maria 1 se articula ao discurso, sobre a sexualidade e envelhecimento<sup>48</sup>, de mulheres que optaram por ter uma velhice sem sexo, de uma maneira socialmente aprovada (mãe, irmãs, amigas). Essa fala também infere, de modo latente, a existência de outras perspectivas para as mulheres, de formas e jeitos de viver a sua sexualidade com autonomia, e se coaduna ao conceito de empoderamento pessoal “[...] inicia com o despertar da consciência em relação à sua autonomia e

<sup>47</sup> PINSKY, 2014.

<sup>48</sup> PIRES, Rosa Cristina Cavalcanti de Albuquerque. De um corpo que se finda a um corpo que se faz. Um estudo sobre a sexualidade feminina na velhice. In: ENCONTRO DE GRUPOS DE PESQUISA, 1., 2004, Florianópolis, UDESC. *Resumos [...]*. Florianópolis: Editora da UDESC, 2004. p. 79-80. Disponível em: <http://docplayer.com.br/17626997-Corpo-que-se-finda-ou-corpo-que-se-faz-estudo-sobre-a-sexualidade-feminina-na-velhice-como-contribuicao-a-educacao-inclusiva.html>. Acesso em: 22 abr. 2015.



desenvolvimento pessoal; envolve autoestima e autoconfiança; ter controle sobre a sua própria sexualidade”<sup>49</sup>:

*“A gente enfrenta, sobretudo, mulher [...] muitas vezes a ideia de que a gente tem que, necessariamente, ainda é muito presente a ideia de que a humanidade da mulher vem do fato de ela ser mãe ou que uma mulher precisa ter um homem, assim, ao seu lado, pra que ela seja reconhecida quanto a sua humanidade. Talvez isso, também, tenha feito com que eu seja muito crítica de pensar um dia ter um parceiro. [...] Não que eu ache ruim ter um companheiro legal, que te faça companhia, com quem tu tenhas uma conexão, um projeto de vida legal. [...] Isso é importante, mas não que seja indispensável pra construir a tua humanidade. Então a vida inteira as pessoas me diziam assim, só uma mulher não me disse isso. Foi recente: ‘Ah, tu tens filhos, tem netos?’. Não, não tenho netos, porque não tenho filhos. ‘Ah, não, mas teus alunos são teus filhos’. Não, meus alunos não são meus filhos e eu não amo meus alunos. Eu respeito meus alunos. Eu tenho que ensinar pra eles tudo que eu sei ensinar, eu tenho que orientar meus alunos e isso pra mim é respeito, não é amor. Amor é um sentimento que é incondicional, mas professor não pode amar aluno, porque tem condições. Não pode ser incondicional. [...] como se, tu não tens, tu tens que achar; como se, tu não tens filho, tua humanidade não está completa. Não é isso. Eu acho até que eu não tive filhos, querendo mostrar isso, mas não de uma forma deliberada” (Maria 6).*

No relato acima temos uma fala potente, com destaque para a concepção de que a humanidade da mulher estará completa, mesmo ela não ocupando os papéis de mãe ou esposa. Esse discurso, produzido por uma mulher negra e velha, é um saber político, estratégico, que se origina no meio de todo um contexto histórico, ainda de desqualificação para as mulheres negras, especialmente as velhas.

Destarte, afirmar que uma mulher não precisa ser mãe, nem ter um homem ao seu lado para ter reconhecida a sua humanidade, é empoderar essa mulher. É um discurso que possui potencial para mostrar às outras mulheres alternativas e, dessa forma, pode ser libertador. Empoderamento implica “[...] garantir às mulheres autonomia no que se refere ao controle dos seus corpos, da sua sexualidade, do seu direito de ir e vir, bem como um rechaço ao abuso físico e as violações”<sup>50</sup>.

Quando uma mulher se candidata a um cargo político, sua sexualidade pode figurar como uma das barreiras mais proeminentes a serem enfrentadas para que ela possa ser indicada, selecionada e eleita. Se, por exemplo, ela for solteira, separada ou divorciada isto poderá ser motivo de calúnias contra seu preparo

<sup>49</sup> FRIEDMANN *apud* LISBOA, Teresa Kleba. O empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais. *In*: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO: CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8, 2008, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina. *Anais [...]*. Florianópolis, 2008. p. 3. Disponível em: [http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST11/Teresa\\_Kleba\\_Lisboa\\_11.pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST11/Teresa_Kleba_Lisboa_11.pdf). Acesso em: 19 abr. 2021.

<sup>50</sup> LISBOA, 2008, p. 2.



para um cargo público. Se ela não é mãe, pode ser julgada como não detentora das qualidades que a tornariam mais eficaz na política<sup>51</sup>.

## CONCLUSÃO

Os discursos das mulheres negras e velhas sobre relacionamentos reconhecem e valorizam as mulheres, e questionam o poder dominante dos homens e seus privilégios de gênero, que faz com que o masculino seja privilegiado e tudo que se refere ou seja considerado feminino ocupe uma posição subalterna. Suas falas propõem o deslocamento da centralidade do poder e do saber para as características do que hoje se denomina feminino, implicando no tombamento de instituições ocupadas com a produção e manutenção das desigualdades sociais, financeiras e econômicas, e na interdição de discursos que sustentam racismos, sexismos, xenofobias, etarismo e quaisquer preconceitos e discriminações.

Essa mudança tende a deslocar o centro do poder e do saber para pessoas, instituições e discursos que promovam a reumanização das relações, alterando a economia, o sistema de trocas, as regras do comércio, o sistema financeiro, a política e a publicidade, em prol de relações de solidariedade e respeito às diferenças de gênero, raça, classe, cultura, idade e sexualidade.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989.

BRITES, Jurema Gorsky. Trabalho doméstico: questões, leituras e políticas. *Cadernos de Pesquisa*, [S.l.], v. 43, n. 149, p. 422-451, 2013.

BRITO, Benilda Regina Paiva. Mulher, negra, pobre: a tripla discriminação. *Teoria e Debate*, São Paulo, n. 36, out. 1997.

CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDIMENTOS SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA (org.). *Racismos contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano, 2003.

CARNEIRO, Sueli. Gênero, raça e ascensão social. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 3, n. 2, p. 544-552, 1995.

---

<sup>51</sup> HAWKINS, Kate; CORNWALL, Andrea; LEWIN, Tessa. Sexualidade e empoderamento: uma conexão íntima. *Revista Feminismos*, Salvador, v. 1, n. 2, maio/ago. 2013. p. 5. Disponível em: <http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/viewFile/53/60>. Acesso em: 28 fev. 2016.



CASTRO, Alex. “Racismo, miscigenação e casamentos interracialis no Brasil”. *Blogueiras Feministas*, 10 set. 2013. Disponível em: <https://blogueirasfeministas.com/2013/09/10/racismo-miscigenacao-e-casamentos-inter-raciais-no-brasil/>. Acesso em: 13 set. 2018.

CASTRO, Mary Garcia; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, Lorena Bernadete da. *Juventudes e sexualidade*. Brasília: UNESCO Brasil, 2004.

DEBERT, Guita; BRIGEIRO, Mauro. Fronteiras de gêneros e a sexualidade na velhice. *Revista brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 1, n. 80, p. 37-54, 2012.

DEBERT, Guita. Feminismo e Velhice. Dossiê: Velhice, família, Estado e propostas políticas. Organização de: Lins de Barros Moraes Barros. *Sinais Sociais*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 22, p. 1-152, maio/ago. 2013.

DOLL, Johannes. Educação e envelhecimento: desafios no mundo contemporâneo. In: ANICA, Aurízia *et al.* *Envelhecimento ativo e educação*. Faro: Universidade do Algarve, 2014. p. 5-17.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do discurso*. São Paulo: Loyola, 2013.

FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade: A vontade de saber*. Trad. de Maria Theresa da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon de Albuquerque. Rio de Janeiro: Graal, 2008b.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2008a.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Trad. de Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GOLDENBERG, Miriam. Corpo, envelhecimento e felicidade na cultura brasileira. *Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, p. 77-85, 2011.

GONZÁLEZ, Ana Cecilia Murillo; BRENES, Marisol Rapso. Modificaciones en la sexualidad ocasionadas por el proceso de envejecimiento. In: GONZÁLEZ, Ana Cecilia Murillo; BRENES, Marisol Rapso (org.). *Envejece La sexualidade?* Buenos Aires: Espacio Editorial, 2007. p. 37-75.

HAHNER, June. *A mulher no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

HAWKINS, Kate; CORNWALL, Andrea; LEWIN, Tessa. Sexualidade e empoderamento: uma conexão íntima. *Revista Feminismos*, Salvador, v. 1, n. 2, maio/ago. 2013. Disponível em: <http://www.feminismos.neim.ufba.br/index.php/revista/article/viewFile/53/60>. Acesso em: 28 fev. 2016.



INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. *Dossiê Violência Contra Mulheres*, 2016. Disponível em: <http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/violencias/violencia-e-racismo/>. Acesso em: 06 out. 2020.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George (org.). *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 90-113.

LISBOA, Teresa Kleba. O empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO: CORPO, VIOLÊNCIA E PODER, 8, 2008, Florianópolis, Universidade Federal de Santa Catarina. *Anais [...]*. Florianópolis, 2008. Disponível em: [http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST11/Teresa\\_Kleba\\_Lisboa\\_11.pdf](http://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/fg8/sts/ST11/Teresa_Kleba_Lisboa_11.pdf). Acesso em: 19 abr. 2021.

MARCONDES, Marina M. *et al.* (org.). *Dossiê mulheres negras: retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil*. Brasília: IPEA, 2013.

MARTINS, Paloma Afonso; CARRIJO, Christiane. A Violência Doméstica e Racismo Contra Mulheres Negras. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 2, e60721, 2020.

MARX, Karl. *O capital: Livro I*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2015.

MINAYO, Maria C. de Souza; SANCHES, Odécio. Quantitativo-Qualitativo: oposição ou complementaridade. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, 1993.

PACHECO, Ana Cláudia Lemos. *Branca para casar, mulata para f..., negra para trabalhar: escolhas afetivas e significados de solidão entre mulheres negras em Salvador, Bahia*. 2008. 317 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

PEIXOTO, Clarice Ehlers. Histórias de mais de 60 Anos. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 148-158, 1997.

PINSKY, Carla Bassanezi. Mulheres dos anos dourados. In: DEL PRIORE, Mary (org.). *Histórias de mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 607-639.

PINSKY, Carla Bassanezi. *Mulheres dos anos dourados*. São Paulo: Contexto, 2014.

PIRES, Rosa Cristina Cavalcanti de Albuquerque. De um corpo que se finda a um corpo que se faz. Um estudo sobre a sexualidade feminina na velhice. In: ENCONTRO DE GRUPOS DE PESQUISA, 1., 2004, Florianópolis, UDESC. *Resumos [...]*. Florianópolis: Editora da UDESC, 2004. p. 79-80. Disponível em: <http://docplayer.com.br/17626997-Corpo-que-se-finda-ou-corpo-que-se-faz-estudo-sobre-a-sexualidade-feminina-na-velhice-como-contribuicao-a-educacao-inclusiva.html>. Acesso em: 22 abr. 2015.



SANTOS, Nilsa Maria Conceição dos. *Negras velhas: um estudo sobre seus saberes nas perspectivas de envelhecimento, trabalho, sexualidade e religiosidade*. 2016. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016a.

SANTOS, Nilsa Maria Conceição dos. Pensamentos de negras velhas sobre feminismo e currículo. *Currículo sem fronteiras*, [S.l.], v. 19, n. 2, p. 497-524, maio/ago. 2019.

SANTOS, Nilsa Maria Conceição dos. *Saberes das negras velhas sobre envelhecimento, trabalho, sexualidade e religiosidade*. Riga: Novas Edições Acadêmicas, 2016b.

SANTOS, Sueli; CARLOS, Sergio Antonio. A Sexualidade e amor na velhice. *Estudos interdisciplinares sobre o envelhecimento*, Porto Alegre, v. 5, p. 57-80, 2003.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *Retrato em branco e preto*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

SOUZA, Claudete Alves da Silva. *A solidão da mulher negra – sua subjetividade e seu preterimento pelo homem negro na cidade de São Paulo*. 2008. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

TELLES, Edward E. *Racismo à Brasileira: uma Nova Perspectiva Sociológica*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

VASCONCELLOS, Doris *et al.* A sexualidade no processo do envelhecimento: novas perspectivas – comparação transcultural. *Estudos de Psicologia*, Natal, v. 9, n. 3, p. 413-419, set./dez. 2004.

**Recebido em:** 10 nov. 2023.

**Aceito em:** 10 dez. 2024.